

Investimentos voltam a crescer

Os investimentos, vitais para o aumento consistente da produção, voltaram a crescer no Brasil. No primeiro trimestre deste ano, eles representaram 16,2% do PIB, quase 1,5 ponto percentual acima do índice registrado no último trimestre do ano passado e o mais alto índice desde o primeiro trimestre de 1990, ano marcado pelo Plano Collor 1, que, divulgado em março, deu início a um período de grande queda da atividade econômica.

Os dados do primeiro trimestre ainda são insuficientes para caracterizar uma tendência firme de recuperação dos investimentos, que, desde o início dos anos 80, vinham caindo continuamente, até atingir seu nível mais baixo no final de 1992. Mas eles têm uma característica interessante: desta vez o crescimento dos investimentos está sendo claramente impulsionado pelo aumento das importações de bens de capital — máquinas e equipamentos —, não pelos gastos com a construção civil.

O cálculo do nível de investimentos do País é feito somando-se a produção de bens de capital, as importações desses bens e os gastos com a construção civil, subtraindo-se do resultado as exportações de bens de capital. Os números do primeiro trimestre deste ano levantados pelo Ipea, órgão do Ministério do Planejamento, indicam que, enquanto os gastos com construção cresceram apenas 5,38% em relação ao último trimestre do ano passado, as importações de bens de capital aumentaram 25,4% e a produção desses bens subiu 15,48%.

Esses números mostram que é a iniciativa privada que está impulsionando o aumento dos investimentos. São as empresas particulares que estão importando mais máquinas e equipamentos. Depois de terem feito os dolorosos ajustes exigidos pela crise — redução de custos, inclusive com cortes de pessoal, e busca da maior produtividade possível com as instalações disponíveis —, elas já começam a substituir seus equipamentos e a utilizar tecnologias mais avançadas.

A construção civil, em que tradicionalmente é mais forte a presença do setor público, por

causa do grande peso representado pelas obras públicas, expandiu-se pouco no primeiro trimestre, e ainda assim graças a obras feitas pela iniciativa privada.

Na verdade, desde o início da década passada, o setor público brasileiro vem reduzindo seus investimentos por causa da profunda crise financeira em que mergulhou, e chegou ao ponto de, para cobrir suas despesas, absorver poupança do setor privado que poderia ser canalizada para os investimentos.

A informação que acaba de ser divulgada pelo Ipea é auspiciosa por mostrar que, apesar de persistir a crise do Estado brasileiro, o setor privado está em condições de aumentar seus investimentos. Ainda estamos, é claro, muito distantes dos números registrados há cerca de 20 anos. Eram tempos em que a economia brasileira tinha condições de investir até 25% do PIB, como ocorreu em 1975. Ao longo da década dos 70, quando o Brasil viveu o período do “milagre econômico”, o índice médio anual de investimentos foi de 23,3% do PIB, suficiente para que a economia crescesse 10% ao ano, ou até mais.

Uma entidade financeira tão respeitável como o Banco Mundial, como comentamos em editorial de quarta-feira, depois de estudar a economia brasileira chegou à conclusão de que o setor privado nacional tem todas as condições para levar nossa economia a repetir a performance dos anos 70, ainda que o Estado brasileiro continue sem condições de investir substancialmente.

Além da comprovada competência do empresariado brasileiro, há outra forte razão para justificar o otimismo do Banco Mundial: se o plano de estabilização do governo produzir os resultados esperados, os empresários brasileiros poderão voltar a contar com o grande instrumento financeiro que sustenta o crescimento econômico em todo o mundo: o crédito, que até aqui tem sido evitado por eles por causa dos juros absolutamente “mortais” produzidos pela necessidade do governo de buscar financiamento para seus déficits nos bancos privados.

JORNAL DA TARDE